

**GEORGE
ORWELL**

**UMA VIDA
EM CARTAS**

Seleção e anotações da edição original
Peter Davison

Seleção da edição brasileira
Mario Sergio Conti

Tradução
Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © | by George Orwell

Copyright da compilação © | 2010 by The Estate of the late Sonia Brownell Orwell

Copyright da introdução e das notas © | 2010 by Peter Davison

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original | A Life in Letters

Capa | Kiko Farkas e Roman Atamanczuk

Foto de capa | Orwell Archive, UCL Special Collections

Preparação | Ciça Caropreso

Índice remissivo | Probo Poletti

Revisão | Márcia Moura

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950.

Uma vida em cartas / George Orwell ; seleção e anotações da edição original Peter Davison ; seleção da edição brasileira Mario Sergio Conti ; tradução Pedro Maia Soares. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original : A Life in Letters.

ISBN 978-85-359-2299-8

1. Orwell, George, 1903-1950 2. Orwell, George, 1903-1950 – Correspondência 1. Davison, Peter. II. Conti, Mario Sergio. III. Título.

13-05975

CDD-828

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura inglesa 828
2. Correspondência : Literatura inglesa 828

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

9	Introdução
21	Sobre esta edição
27	Nota sobre a edição brasileira
31	De aluno a professor e escritor: 1911-1933
63	Publicações, Wigan e Espanha: 1934-1938
159	Do Marrocos à BBC: 1938-1941
225	A BBC e a guerra: 1941-1943
243	Jornalismo e a morte de Eileen: 1943-1945
297	Jura: 1946 e 1947

359	Hairmyres e Jura: 1948
397	Hospitais Cranham e University College e morte de Orwell: 1949
443	Cronologia da vida de George Orwell
461	Notas biográficas sobre os correspondentes e as principais pessoas citadas
483	Apêndice
501	Créditos das imagens
503	Índice remissivo

De aluno a professor e escritor

1911-1933

Orwell deixou Eton em dezembro de 1921. Ele se candidatara à Polícia Imperial Indiana e foi treinado para o competitivo exame de admissão. Os resultados foram publicados em 23 de novembro de 1922. Ele tirou o sétimo lugar entre os 29 candidatos aprovados, obtendo 8464 pontos dos 12400 possíveis, sendo que para ser aprovado era preciso fazer 6 mil. Suas matérias fortes eram latim, grego e inglês. Ele passou raspando no teste de equitação e fez 174 dos quatrocentos pontos em desenho à mão livre (havia progredido desde os pequenos desenhos com que embelezava as cartas que enviava para sua mãe de St. Cyprian).

Chegou à Birmânia em 27 de novembro de 1922. Aprendeu hindi, birmanês e shaw karen,¹ e era capaz de conversar fluentemente em “birmanês altissonante” com os sacerdotes birmaneses. Trabalhou em vários locais e de fato viu um enforcamento e matou um

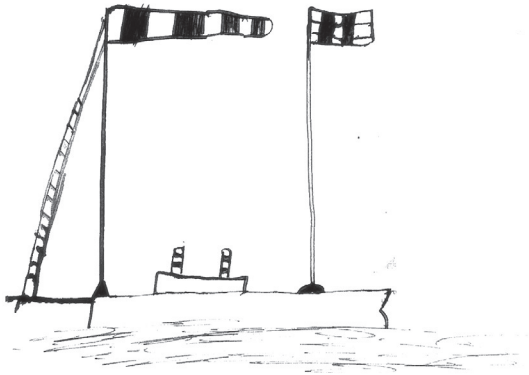
1 Língua falada por povos das montanhas da Birmânia. (N. T.)

elefante, eventos sobre os quais escreveu ensaios importantes. Por ter matado o elefante (que havia matado um carregador), em 23 de dezembro de 1926 foi enviado por um irritado comandante a Katha, a base de Kyauktada de *Dias na Birmânia*.

Deixou a Birmânia em 12 de julho de 1927, para tirar os seis meses de licença que lhe eram devidos. Enquanto estava de licença, demitiu-se da polícia. Havia evidentemente economizado uma quantia razoável de seu salário e foi para Paris, onde tentou ganhar a vida como escritor. Conseguiu publicar seis artigos em Paris, em francês, e um deles foi publicado na Inglaterra, mas não conseguiu que aceitassem contos ou romances, e destruiu todos eles. Quando ficou sem dinheiro, trabalhou por algumas semanas como ajudante de cozinha num hotel de luxo, que teria sido o Crillon ou o Lotti. Durante um curto período, esteve internado no Hospital Cochon com “*une grippe*”, experiência sobre a qual também escreveu.

Orwell voltou para a Inglaterra e, usando a casa da família em Southwold como base, levou uma vida de vagabundo e trabalhou na colheita de lúpulo. Seus artigos começaram a ser aceitos (por muito pouco dinheiro), e de abril de 1932 a julho de 1933 deu aulas para meninos entre dez e dezesseis anos em The Hawthornes, uma escola particular de Hayes, em Middlesex. No trimestre de outono, não voltou a The Hawthornes, a qual, aliás, enfrentava dificuldades financeiras, e passou a lecionar no Frays College, uma escola particular mista de Uxbridge, em Middlesex; ela está ilustrada em Thompson, p. 40. Em 9 de janeiro de 1933, Victor Gollancz publicou *Na pior em Paris e Londres*.

*



Da carta de Orwell para a mãe, 15 de outubro de 1911.

Para Ida Blair*

2 de dezembro de 1911

St. Cyprian's School

Eastbourne

[manuscrita, com os erros de ortografia do autor]

Minha querida Mãe, espero que esteja bem,

Ontem foi o aniversário da sra. Wilkes,² tivemos uma temenda diversão depois do chá e brincamos por toda a casa. Fomos todos dar uma caminhada até Beachy-Head.

Sou o terceiro em aritmática.

Está muito nublado hoje e não parece que vá ficar muito quente.

Obrigado por sua carta.

No sábado à noite temos dança e eu vou dizer uma poesia, alguns dos meninos cantam.

Mando beijos ao Pai e Avril. Togo está bem, Tivemos os jogos Oxford e Cambridge ontem. Cambridge ganhou no primeiro e no terceiro, e o segundo não teve jogo. Estou muito contente que o coronel Hall³ me deu alguns selos, ele disse que ia fazer isso no ano pasado mas acho que esqueceu. Faz um dia abominavelmente úmido hoje com muita chuva e frio.

Lamento muito saber que aqueles abomináveis monstros dos ratos brancos fedorentos voltaram. Espero que estes não sejam dos fedorentos. Se não forem, vou gostar deles.

De seu filho amuroso

E. A. Blair

2 A sra. Vaughan Wilkes era a esposa do diretor e proprietário da St. Cyprian's.

3 O coronel Hall era um vizinho dos Blair em Shiplake.

Para Steven Runciman*

Agosto de 1920
 Grove Terrace
 Polperro RSO⁴
 Cornwall
 [manuscrita]

Meu caro Runciman,

Eu tenho um pouco de tempo livre e acho que devo lhe contar sobre a minha primeira aventura como vagabundo amador. Como a maioria dos vagabundos, fui levado a ela. Quando cheguei a um pequeno lugar miserável em Devonshire — Seaton Junction —, Mynors,⁵ que tinha de mudar de trem lá, veio ao meu vagão & disse que um abominável Oppidan que vinha permanentemente me assolando para viajar no mesmo compartimento que ele estava perguntando por mim. Como eu estava no meio de estranhos, saí para ir ter com ele, ao que o trem partiu. Você precisa de duas mãos para entrar num trem em movimento, & eu, que com mochila, cinto etc. tinha apenas uma. Para ser breve, fiquei para trás. Mandei um telegrama para dizer que estaria atrasado (chegou no dia seguinte), & cerca de duas horas e meia depois, peguei um trem; em Plymouth, North Rd, descobri que não havia mais trens para Looe

4 Railway Sorting Office, que funcionava como posta-restante. Polperro não tinha estação. A mais próxima era em Looe, distante quase cinco quilômetros. A família Blair passava a maior parte das férias de verão em Looe ou Polperro. Nessa viagem em particular, Orwell voltava de um exercício do Corpo de Treinamento de Oficiais de Eton e, portanto, estava de uniforme.

5 Roger Mynors (1903-89; elevado a cavaleiro em 1963) era colega de bolsa de estudos de Orwell. Os dois produziram o jornal da escola, *Election Times*. Foi um importante estudioso dos clássicos; tornou-se Fellow de Balliol em 1926 e depois professor em Cambridge e Oxford. Casou-se com Lavinia, filha de Cyril Allington, diretor de Eton em sua época. Sobre o interesse dele e de Orwell por biologia, ver a correspondência com Darlington, 19/3/47.

naquela noite. Era tarde demais para telefonar, pois os correios estavam fechados. Fiz uma consulta à minha situação financeira. Tinha o suficiente para a passagem restante & mais 7 ½ d. Poderia, portanto, dormir na A. C. M. por 6 d & morrer de fome, ou comer alguma coisa e ficar sem ter onde dormir. Eu escolhi a última, pus minha mochila no vestiário & comprei 12 pãezinhos por 6d: às nove e meia me esgueirei para o campo de algum agricultor — havia alguns campos, situados entre fileiras de casas miseráveis. Sob aquela luz é claro que eu parecia um soldado passeando — no caminho, me haviam perguntado se eu estava desmobilizado ainda, & finalmente cheguei me instalei no canto de um campo perto de alguns loteamentos. Então comecei a lembrar que as pessoas frequentemente pegavam catorze dias por dormir no campo de alguém & “sem meios visíveis de sustento”, em particular porque todos os cães da vizinhança latiam se eu me mexesse um pouco. O canto tinha uma grande árvore para abrigo, & arbustos para esconder, mas estava inaceitavelmente frio; eu não tinha cobertor, o meu boné era o meu travesseiro, deitei-me “com meu manto marcial (capa enrolada) ao redor de mim”.⁶ Só cochilei & tremi até cerca de 1 hora, quando reajusteí minhas polainas, & consegui dormir o tempo suficiente para perder o primeiro trem, às 4h20 por cerca de uma hora, & ter de esperar até 7h45 pelo outro. Meus dentes ainda batiam quando acordei. Quando cheguei a Looe, fui forçado a caminhar seis quilômetros sob o sol quente; estou muito orgulhoso desta aventura, mas eu não a repetiria.

Atenciosamente,

E. A. Blair

6 Da terceira estrofe de “The Burial of Sir John Moore after Corunna”, de Charles Wolfe, poema parodiado por Orwell em Eton, em *College days* (*Complete Works* X, p. 69).

Trecho de carta para Cyril Connolly*

Páscoa de 1921

O original e o texto completo desta carta estão perdidos. O trecho abaixo subsiste porque Cyril Connolly citou parte da carta de Orwell ao escrever a Terence Beddard na Páscoa de 1921; Connolly copiou-a para o Arquivo Orwell em junho de 1967.

Outra versão, intercalada com comentários irônicos de Connolly, encontra-se na Universidade de Tulsa, e é a que aparece na biografia de Orwell escrita por Michael Shelden (pp. 75-6). Em uma nota acrescentada à cópia feita para o Arquivo, Connolly explicou que este trecho fazia parte de uma carta para Beddard que Connolly imprimiu em *Enemies of Promise* [Inimigos da promessa] (1938), pp. 256-9. Beddard já estava morto quando Connolly fez essa cópia. É impossível ter certeza quanto à confiabilidade da cópia de Connolly. Beddard foi um bolsista do rei na turma anterior à de Orwell; ele deixou Eton exatamente um ano antes de Orwell e não estava mais lá quando Connolly lhe escreveu. Christopher Eastwood é descrito por Connolly em suas anotações como “um rapaz atraente, com uma boa voz & um tanto pedante”.⁷ E continua: “A importância da carta é que Eastwood, sendo da minha turma, estava destinado a ver muito mais de mim do que de Blair, da turma depois de nós”. E. A. Carøe⁸ era da turma de Blair, e Redcliffe-Maud⁹ de duas turmas abaixo da de Connolly. Para detalhes sobre o pano de fundo desta carta, ver os capítulos 20 e 21 de *Enemies of Promise*. Michael Shelden observa que seria imprudente

⁷ Christopher Eastwood (1905-83) tornou-se um alto funcionário público. Ver *Remembering Orwell*, 16-18, sobre suas lembranças de Orwell em Eton.

⁸ Einar Athelstan Carøe (1903-88) tornou-se um comerciante e corretor de grãos, associado a Liverpool. De acordo com as anotações de Connolly, ele não era benquisto em Eton.

⁹ O Barão Redcliffe-Maud (1906-82) tornou-se um servidor público particularmente ilustre e, mais tarde, foi alto-comissário, depois embaixador na África do Sul, 1959-63; mestre do University College, Oxford, 1963-76.

supor que “as afeições adolescentes [de Orwell] por outros meninos chegaram a atingir um estágio avançado de contato sexual. É provável que fosse tão casto em seus relacionamentos com garotos quanto o era em sua relação com Jacintha. Como a carta para Connolly revela, ele era desajeitado em assuntos românticos, e demorou a se afirmar”.

Acho que estou enamorado de Eastwood. Isso pode surpreendê-lo, mas não é imaginação, eu lhe garanto. A questão é que acho que você também está; de qualquer forma, estava no final do último semestre. Não tenho inveja de você. Mas apesar de você não ser ciumento, está propenso a ser o que eu poderia chamar de “proprietário”. No caso de Maud & Caroe você estava certo, mas o que eu quero que você faça é não me considerar um outro Caroe, independente dos pontos de semelhança que possa haver. Também não suspeite que tenho alguma má intenção. Se eu não tivesse escrito a você, cerca de três semanas depois do início do semestre seguinte, você iria perceber como estavam as coisas, seus instintos de proprietário teriam sido despertados & tendo muita influência sobre Eastwood você provavelmente o teria colocado contra mim de algum modo, talvez até o advertido contra mim. Por favor, não faça isso, eu imploro. É claro que eu não lhe peço para renunciar à sua parte nele, apenas não diga coisas maldosas.

A cópia de Connolly que está no Arquivo Orwell conclui: “Eis uma revelação... De qualquer forma, Eastwood percebeu isso e está cheio de suspeitas, pois odeia Blair”.

Uma carta de Jacintha Buddicom*

Esta carta visa confortar uma parenta. Ela retoma a história do próprio escritor e, em particular, o relacionamento da autora em sua juven-

tude com Eric Blair, muito antes de ele se tornar George Orwell. O pano de fundo e o relacionamento dela com Jacintha encontram-se no Posfácio de Dione Venables à segunda edição de *Eric & Us*, de Jacintha Buddicom (2006). Omiti um ou dois nomes. Sou profundamente grato a Dione Venables, prima de Jacintha, e a parentes delas pela permissão para publicar esta carta, e grato à sra. Venables por fornecer notas explicativas.

4 de maio de 1972

“Dragons”

John Street

Bognor Regis

Acabei de ler sua triste carta e apresso-me em respondê-la. Não posso acreditar que a mesma tragédia miserável atingiu duas vezes a mesma família, mas posso lhe oferecer minha total compreensão e simpatia, o que talvez ajude um pouco. Estranhamente, sua carta chega em um momento em que minha mente e concentração estão centradas em eventos semelhantes que ocorreram em minha vida há algum tempo.

Após a publicação no ano passado de *The World of George Orwell*, para o qual escrevi o ensaio de abertura, estou escrevendo agora uma monografia sobre o assunto (na edição eles cortaram quase todas as partes importantes), na esperança de me libertar de uma vida inteira de fantasmas e arrependimentos por ter dado as costas ao único homem por quem sempre senti atração em todos os níveis.

Sua experiência tem muitas semelhanças, mas a diferença é que você carregou brevemente o filho de Xxxxx e depois recusou a proposta dele. A perda do segundo foi decisão sua (eu não tive escolha e o resultado foi a cruz que tive de carregar desde então). Mas sua integridade e coragem ao recusar a proposta de uma figura tão proeminente me fazem sentir muito orgulho [*algumas palavras omitidas*]. Essa união, em 1958, com toda a certeza teria ter-

minado em lágrimas, especialmente porque ele morreu tão jovem. Como eu gostaria de estar pronta para noivar, quando Eric me pediu em casamento ao retornar da Birmânia. Ele havia arruinado o que havia sido um relacionamento tão estreito e satisfatório desde a infância, ao tentar ir às últimas consequências antes que eu estivesse perto de estar preparada para isso. Foram-me necessários literalmente anos para perceber que somos todas criaturas imperfeitas, mas que Eric era menos imperfeito do que qualquer outra pessoa que eu tivesse conhecido. Quando chegou a hora e eu estava pronta para o passo seguinte, foi com o homem errado e o resultado me assombra até hoje.

Você estava absolutamente certa ao rejeitar o casamento com um homem que sabe que será constantemente infiel porque é assim que ele é feito. Quanto mérito na sua decisão, mesmo que ainda sofra por ela. As lembranças das alegrias e da diversão que Eric e eu compartilhamos, conhecendo tanto a mente um do outro, asseguravam que eu jamais me casaria, a menos que aquela “identidade” pudesse ser encontrada outra vez.

Você ainda é uma mulher extremamente bela, mesmo que sinta que isso foi sua ruína. Os homens em sua vida não quiseram sua grande inteligência e por isso fizeram você ser levada de relacionamento em relacionamento, à procura de algo que jamais encontrará. Uma tragédia da qual você simplesmente *precisa* assumir o controle, ou a vida começará a depender da garrafa mais do que do fascínio de outras vidas e situações. Ao menos você não passou pela vergonha pública de ser destruída em um livro clássico como Eric fez comigo. Julia, em 1984, é claramente Jacintha, disse tenho certeza. Ele a descreve com cabelo escuro e grosso, muito ativa, odiando a política — e o lugar em que se encontravam era um vale cheio de campainhas. Nós sempre íamos ao nosso lugar especial quando estávamos em Ticklerton, que estava cheio de campainhas. Elas morrem tão depressa se você colhê-las, que

nunca fizemos isso, mas nos deitávamos entre elas e adorávamos seu perfume muito pungente. Esse mesmo vale de campainhas é descrito no livro dele e faz parte da história central, mas no final ele absolutamente me destrói, como um homem pisando de bota numa aranha. A leitura do livro feriu tanto minha mãe que sempre pensei que ele provocou o último ataque cardíaco dias depois. Fique contente por não ter sido dilacerada em público.

Recomponha-se, minha querida. Nossa família é bem abençoada com aparência e cérebro e você tem ambos em grande quantidade. Você é uma comunicadora extremamente elegante, portanto desfrute o que tem, em vez de ficar olhando para o passado. [frase omitida] Você tem as melhores ideias, que superam seus atributos físicos. Faça ambos trabalharem para você. Olhe para a frente. O que passou, passou. É a única maneira de eu conseguir manter a razão...

O que a autora e a destinatária desta carta tinham em comum era que ambas haviam concebido filhos fora do casamento, na época, um motivo de vergonha. A correspondente interrompeu a gravidez; Jacintha deu à luz o filho que carregava, mas ele foi adotado por seus tios, o dr. e a sra. Noel Hawley-Burke. Um fotógrafo de rua captou o momento em que Jacintha e seus tios saíam do escritório do advogado, depois de ela ter lhes dado em adoção seu bebê de seis meses. O contraste entre as linguagens corporais, mesmo numa fotografia de má qualidade, capta perfeitamente a dor dela e a alegria deles.

Dione Venables, no Posfácio de Eric & Us, de Jacintha Buddicom, faz um relato vívido do motivo que levou Jacintha a romper com Orwell antes de ele ir para a Birmânia. Ele havia “tentado levar as coisas mais longe e fazer amor SÉRIO com Jacintha. Ele a havia segurado deitada (na época, ele tinha 1,93 metro de altura e ela ainda media um metro e meio) e, embora ela tenha se debatido, gritando para ele PARAR, ele rasgou sua saia e machucou bastante um ombro e seu quadril esquerdo”. O ataque não

foi adiante e Orwell permaneceu com a família durante o resto das férias, mas ele e Jacintha se mantiveram separados (p. 182).

É preciso lembrar que em *A filha do reverendo* o advogado de Gollancz exigiu que Orwell amenizasse a primeira linha da p. 41, e Orwell, em resposta à preocupação do advogado, disse que havia “alterado a afirmação de que o sr. Warburton ‘tentou estuprar Dorothy’”.

Como Dione Venables passa a explicar, quando Orwell regressou da Birmânia “não perdeu tempo em entrar em contato com a família Buddicom e foi convidado a se juntar a Prosper e Guiny [irmão e irmã de Jacintha] em Ticklerton. Jacintha não estava, e a família foi evasiva e mostrou-se constrangida sobre sua ausência, de tal modo que Eric deve ter imaginado que, mesmo depois de todo aquele tempo, ela ainda estava zangada com ele e jamais o perdoaria. O trágico é que, na verdade, em maio de 1927 Jacintha tinha acabado de dar à luz sua filha Michal Madeleine... O pai fugiu para o exterior assim que sua condição foi descoberta” (p. 183). Michal emigrou para o Canadá. Ela teve seis filhos e morreu em um acidente de carro em 1997. Como Guinever, a irmã de Jacintha, observou mais tarde, Orwell “poderia muito bem ter aceitado a menina como sua filha” (p. 186).

Orwell e Jacintha nunca mais se encontraram depois que ele partiu para a Birmânia. Na verdade, Jacintha nem sabia que Eric era Orwell até 8 de fevereiro de 1949, quando sua tia Lilian escreveu de Ticklerton para lhe contar que George Orwell era Eric Blair. Ela pediu seu endereço ao editor dele e lhe escreveu quando ele estava no Sanatório de Cranham. Ele respondeu imediatamente com duas cartas, em 14 e 15 de fevereiro de 1949. Esperava que ela fosse visitá-lo, mas ela achou que não podia. Assim, houve uma espécie de reconciliação, mas infelizmente nenhum encontro. Muito se perdeu para ambos. Embora Jacintha possa não ter sido a única inspiração de Orwell, está claro que muitos de seus personagens femininos, assim como Julia em 1984, devem muito a ela.¹⁰

¹⁰ Um trabalho de William Hunt a ser publicado, *Orwell Demon: the Lonely Rebellion of Eric Blair*, explora com muito mais detalhes do que é possível aqui as li-